

Feira vira o ganha-pão de mais de duas mil pessoas

A maior atração do centro da Ceilândia é, com certeza, a sua feira de roupas e calçados. Com 600 barracas espalhadas pelas calçadas do centro, a feira existe há cerca de 18 anos e se tornou um dos pontos de vendas mais populares da cidade. Os preços são convidativos — camisas masculinas por R\$ 7,00, camisetas de malha de R\$ 2,50, CDs a R\$ 4,99 — mas, mesmo quem vende mercadorias nesse valor reclama da crise e da recessão.

Aberta todos os dias, das 7h às 19h, a feira tem sido o principal ganha-pão de mais de duas mil pessoas, entre proprietários, empregados e familiares. A ameaça de serem transferidos para outro local, no entanto, assusta os feirantes, que temem se afastar dos consumidores já tão difíceis de encontrar.

“Os camelôs existem há séculos e há séculos são perseguidos”, declarou Juarez Pinto de Oliveira, proprietário de uma barraca de roupas. “Só que, se o governo acabar com essa feira, nós vamos viver de quê?”, perguntou. Além da banquinha, Juarez complementa a renda mensal, com que sustenta a esposa e o filho de seis anos, vendendo salgados e sucos para os visitantes.

Para a vizinha de barraca de Juarez, Maria de Fátima Ferreira, a situação é a mesma. Dona de uma barraca de calçados, ela emprega a família na feira, já que as filhas não conseguem emprego em outro lugar. “Se eles querem acabar com o comércio informal, que dêem emprego a todo mundo, para não morrermos de fome”, afirmou.

Clientela

Apesar da queda no movimento, a feira mantém um público cativo. Donas-de-casa, trabalhadores da região e gente que vem de outras satélites formam os consumidores do lugar. “Atendemos o pessoal de mais baixa renda, daqui da Ceilândia mesmo e de outros lugares, como a Barragem do Paranoá”, descreveu Juarez.

Como um bom centro de cidade, o vaivém constante de pessoas na área ajuda os feirantes. “Como esse é um lugar muito movimentado, sempre tem gente visitando a feira, nem que seja só para dar uma olhadinha”, admite Maria de Fátima. “Graças a Deus, conseguimos tirar pelo menos o dinheirinho da comida, todos os dias”.

E é de uma passadinha na feira que surgem os clientes em potencial. A dona-de-casa Maria Nazaré Pereira é um exemplo disso. Depois de pagar uma prestação em uma das lojas do centro, ela aproveitou para visitar a feira e acabou fazendo umas comprinhas. “Sempre compro aqui, apesar de morar em Taguatinga”, contou. “Gosto do lugar e costume encontrar coisas interessantes e baratas”.

De passagem por Brasília para cuidar do tio doente, Berenice Amaral ficou poucos dias na cidade, mas se encantou com a feira. A baiana de Cotegipe gostou dos preços, das roupas e do número de opções. “Achei a feira muito legal e vou levar algumas lembranças para o pessoal da minha casa”, disse.(P.L.)